

PRÁTICAS INTELECTUAIS INDÍGENAS: UM OLHAR DECOLONIAL

TAYNARA APARECIDA FERREIRA DA SILVA^{1,2}, FERNANDO VOJNIAK³

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste de uma apresentação parcial acerca da pesquisa intitulada *Cultura escrita na Fronteira Sul: usos políticos da escrita e práticas intelectuais indígenas no Brasil Meridional*, que faz parte do projeto guarda-chuva *Cultura escrita e historiografia: interdisciplinaridade, linguagens e memória*. Devido a pandemia de COVID-19, um dos principais objetivos da pesquisa, que consistia na visita aos arquivos da região sul, não foi possível de ser realizado. Em contrapartida direcionamos maior atenção à discussão teórica em relação às abordagens tradicionais da história indígena e ao uso da escrita sob a ótica da das noções de Decolonialidade e do Pós-colonialidade, atentando sobretudo aos Kaingang. De acordo com censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tal comunidade originária representa a terceira maior população indígena em território brasileiro. Jozileia Kaingang (2020) aponta que a população total de Kaingang reúne 37.470 pessoas. Parte se encontra nas 32 terras indígenas do país, somando 31.814 habitantes, uma vez que é registrada a presença de famílias vivendo em espaços urbanos, em zonas rurais próximas às Terras Indígenas e em acampamentos, essas somando 5.656 indivíduos, nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Como apontado por (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO TORRES; GROSGOUEL, 2018, p. 09) o conhecimento é uma das questões centrais nos estudos decoloniais. Nesse sentido, refletir sobre a figura do intelectual indígena, se opondo a definições eurocêntricas é considerar também todo o conjunto de cosmovisões e práticas que constituem o saber desses povos. Portanto, deve-se considerar o grafismo indígena, a iconografia, a pintura – incluindo a corporal, bem como a cestaria kaingang e demais artefatos líticos e cerâmicos dos habitantes pré-coloniais e no presente, principalmente a oralidade como parte das manifestações intelectuais que permeiam a subjetividade dessas pessoas, sendo a escrita, inicialmente

1 Graduada do curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Chapecó*, contato: rt.taynasilva666@gmail.com.

2 Grupo de Estudo em Teoria da História

3 Doutor em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Orientador.

introduzida como ferramenta de dominação através da ação catequética. Na atualidade, um ato de resistência para a luta indígena, em que os Kaingang e demais comunidades originárias podem demarcar território também em espaços ocidentalizados e marcados por aquilo que Maldonado-Torres (2018, p. 34) chama de Colonialidade do Ser, Saber e Poder.

Em vista disso, é necessário que o olhar para as fontes e documentos históricos, destacando aqueles que são visitados pelos historiadores com certa frequência, como os primeiros vocabulários e registros realizados pelos viajantes, pesquisadores e missionários europeus que estiveram na região, sejam lidos considerando o problema da cultura escrita e seus usos políticos, tendo como fonte analítica o compromisso ético com o processo de descolonização e epistemicídio que, como apontado por Grosfoguel (2016, p. 19) é construído nas universidades ocidentalizadas.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é investigar a história das práticas intelectuais indígenas, em especial das comunidades Kaingang, realizando um debate teórico-metodológico na perspectiva Decolonial e Pós-colonial.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho traz os aspectos teóricos e analíticos do projeto acadêmico-político da Decolonialidade e dos estudos Pós-coloniais, que tem como eixo estruturante de análise o processo de colonização, compreendendo-o como sinônimo do que tradicionalmente se entende como modernidade. Em razão disso, modernidade/colonialidade, como apontado por Maldonado-Torres (2018, p. 35), em narrativas costumeiramente utilizadas, incorporados pelo Estado-nação, através do jogo linguístico de conceitos como “descobrimto” e “contato”, são rejeitadas para dar espaço a concepções que levam em consideração a catástrofe metafísica, a naturalização da guerra e demais aspectos da diferenciação e classificação humana, constituindo o projeto civilizatório da modernidade/colonialidade, que traz consigo um violento regime de desumanização dos povos originários e demais grupos subalternizados.

Para tal, foram realizadas leituras individuais, fichamentos, sínteses e debates realizados no interior das atividades do Grupo de Estudo em Teoria da História e do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros e Indígenas, os quais contribuíram grandemente para as reflexões acerca da temática.

Junto a isso, realizaram-se pesquisas com documentos disponíveis no arquivo do Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM), em especial alguns dos exemplares acessíveis do “Boletim Luta Indígena”, bem como, documentos digitais disponíveis na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, como *Uma crítica ao ‘Vocabulário da língua dos Kaingang’ do Visconde de Taunay*, de autoria de Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para além daquilo que Achille Mbembe (2018, p. 28) chama de universalização das fábulas da raça, que atua como um construto histórico e político do projeto colonial, a partir da discussão proposta pela Decolonialidade, percebe-se uma fixação dessas identidades, sendo os povos indígenas e povos racializados, na historiografia tradicional, compreendidos de forma a desconsiderar suas especificidades e os processos de epistemicídios que se penduram até o tempo presente.

O que se percebe nas literaturas sobre a questão indígena, em especial sobre o povo Kaingang, é um olhar ocidentalizado, constatando uma Colonialidade do Saber, que rejeita qualquer conhecimento que fuja da matriz eurocêntrica muito bem solidificada no ambiente acadêmico. A esse respeito Grada Kilomba assinala que “a ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar (KILOMBA, 2019, p. 53)”. Em vista disso, tal visão caricata, que trata somente os povos originários como *Outridade* e que não realiza as relações entre a colonização no século XV e a luta indígena na atualidade, acarreta uma visão negativada desses sujeitos, refletindo diretamente no campo das representações.

5 CONCLUSÃO

O processo de descolonização é lento e demorado e deve-se ter como horizonte a longa duração, entretanto, as pequenas ações diárias que sustentam esse processo merecem igual atenção, tendo em vista o comprometimento com uma história diferente da que já difundida como a história dos vencedores. Diante disso, o compromisso do ofício do historiador perpassa a revisita aos arquivos com novos olhares e também o desvendar de labirintos e caminhos que documentos ainda não explorados podem propiciar.

Levando em conta o diálogo entre pesquisa e ensino, é necessário que a produção historiográfica esteja comprometida com a afirmação corpo-geopolítica e que descortine a colonialidade presente nos currículos e nas abordagens já realizadas. Para isso, faz-se imprescindível a compreensão dos saberes indígenas e o incentivo aos projetos políticos e acadêmicos que possibilitem a amplificação de diálogos e passagens, capazes de conectar múltiplos saberes que cada vez mais se entrecruzam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Braulina; KAINGANG, Jozileia; TREMEMBÉ, Lucinha (org.). **Vivências Diversas**: Uma coletânea de Indígenas Mulheres. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2020. 117 p. ISBN 9786586039504.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. ISBN 978-85-513-0338-2.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 31, ed. 1, p. 25-49, Jan/Abr 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>. > Acesso em: 12 jul. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** – episódios de Racismo Cotidiano. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018. 320 p. ISBN 9788566943511.

Palavras-chave: Povo Kaingang; Decolonialidade; História Intelectual; Cultura Escrita.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2018-0407

Financiamento

Edital n. 270/GR/UFFS/2020